RESIDUALIDADE À PARAIBANA: UMA REFLEXÃO LOCAL DA TEORIA NA ANÁLISE LITERÁRIA

RESIDUALITY IN PARAIBA: A LOCAL REFLECTION OF THEORY IN LITERARY ANALYSIS

Juan Ignacio Jurado CENTURIÓN[94]
Gilberia F. Alves DINIZ[95]

Resumo: A teoria da residualidade, sistematizada pelo professor Roberto Pontes, tem sido um recurso valioso para muitos pesquisadores e estudantes na análise de diversas obras literárias ao longo de mais de duas décadas. Sua influência é evidente no crescente número de trabalhos de graduação e pós-graduação que utilizam essa teoria como fundamentação teórica. Na UFPB, as visitas do professor Pontes contribuíram para a disseminação dessa teoria, especialmente nos cursos de pós-graduação. Isso resultou em sua aplicação em trabalhos de conclusão, artigos científicos e capítulos de livros. Contudo, surgiram desafios ao aplicar a teoria diretamente no campo literário, onde ela se mostra mais clara em aspectos culturais e nos estudos do imaginário do que na literatura propriamente dita. Essa dificuldade motivou a busca por métodos auxiliares que permitissem empregar a teoria da residualidade na análise literária sem recorrer a outras teorias, como a hipertextualidade de Genette ou o dialogismo de Bakhtin. Além disso, a complexidade de identificar a origem do resíduo remanescente nos aproximou dos estudos do imaginário, na tentativa de encontrar esse ponto de partida. Este trabalho visa apresentar esses métodos auxiliares na análise literária sob a perspectiva da residualidade. Autores como Jaume Aurell (Novo Medievalismo), Carl Jung (Mito e Arquétipo), Eleazar Melitínski (Arquétipo Literário) e Hilário Franco Júnior (Imaginário) serão fundamentais nesta reflexão, auxiliando não apenas em análises locais, mas também aqueles que utilizam a residualidade como base teórica.
Palavras-chave: Análise literária; Residualidade: Intertextualidade; Arquétipo; Estudos medievais.

Abstract: The theory of residuality, systematized by Professor Roberto Pontes, has been a valuable resource for many researchers and students in the analysis of various literary works over the course of more than two decades. Its influence is evident in the growing number of undergraduate and graduate studies that use this theory as a theoretical foundation. At UFPB, Professor Pontes' visits contributed to the dissemination of this theory, especially in graduate courses. This resulted in its application in final papers, scientific articles, and book chapters. However, challenges arose when applying the theory directly to the literary field, where it is clearer in cultural aspects and in studies of the imaginary than in literature itself. This difficulty motivated the search for auxiliary methods that would allow the use of the theory of residuality in literary analysis without resorting to other theories, such as Genette's hypertextuality or Bakhtin's dialogism. In addition, the complexity of identifying the origin of the remaining residue brought us closer to studies of the imaginary, in an attempt to find this starting point. This work aims to present these auxiliary methods in literary analysis from the perspective of residuality. Authors such as Jaume Aurell (New Medievalism), Carl Jung

[94] Professor de professor de língua e literatura espanhola e hispano-americana na Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Teoria da Literatura pela UFPE. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9880-6170 E-mail: juanig@terra.com.br.
[95] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba na linha de estudos Clássicos e Medievais. Orcid iD: https://orcid.org/0009-0005-7360-7326. E-mail: gilberia@yahoo.com.br.

(Myth and Archetype), Eleazar Melitínski (Literary Archetype) and Hilário Franco Júnior (Imaginary) will be fundamental in this reflection, helping not only in local analyses, but also those who use residuality as a theoretical basis.
Keywords: Literary analysis; Residuality: Intertextuality; Archetype; Medieval studies.

Introdução

A nossa reflexão, a modo de diário de viagem, inicia-se a finais de 2017 quando sou convidado a participar no processo de credenciamento de novos docentes para o programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal de Paraíba (Campus 1) na linha de Estudos medievais pela professora Luciana Calado.

Ainda que eu viesse participando desde 2013, incialmente como ouvinte e depois como palestrante, no Seminário de Estudos medievais organizado pela citada professora bianualmente, o meu foco de estudos nunca foi exatamente o dos referidos estudos. Desde a dissertação de mestrado até a tese, defendida em 2011, o centro de atenção foram os estudos coloniais hispano-americanos.

As únicas aproximações ao medievo foram o meu próprio interesse por esse período histórico e as disciplinas lecionadas no curso de graduação de literatura espanhol. Além de, como já foi mencionado antes, as participações nos Seminários de Estudos medievais promovidos pela minha universidade. E seria na junção desses dois campos de estudo que surgiria o projeto apresentado ao programa na tentativa de credenciamento no mesmo.

A consciência da existência, nos relatos dos denominados Cronistas de índias, de claras reminiscências, tanto da cultura clássica, como do período medieval, nos ajudou a encontrar o elo entre o objeto central de pesquisa da linha na qual estava entrando e outros momentos posteriores da nossa história e nos abriu um mar de possibilidades que se materializaram nos seguintes anos em diferentes trabalhos acadêmicos, como veremos nas próximas páginas.

No período concreto da colonização americana, nos resultaria muito difícil analisar essas crônicas sem pensar, como os designa Beatriz Pastor (1988), nos seus pretextos, ou como indica Serna (2018): “La crónica como género es un contratexto que ha necesitado de un texto previo para existir. Es un texto híbrido, en su momento reconocido como texto histórico y hoy como literario.” (Serna. 2018. p, 55)

A necessidade de dar conta de uma realidade imprevisível como insólita levou àqueles que se aventuraram a atravessar o oceano em busca de aventura, gloria, fama ou com o único intuito de evangelizar os novos súbditos da coroa castelhana a procurar, nas histórias do passado, elementos que os ajudassem no seu desejo de mostrar esse novo mundo. A fantasia

se juntou com a realidade para dar á luz uma serie de relatos, entre o fantástico e o insólito, entre o velho e o novo, que durante as primeiras décadas foram considerados como os relatos mais verossímeis do novo continente.

As fronteiras do tempo, com o diálogo contra textual das crônicas, se dilatavam sem que fosse possível definir elas dentro de um período concreto da tradicional divisão da história. E essa ideia da dificuldade na hora de situar um acontecimento histórico em um período concreto com o tempo se converteria no motor de muitas das pesquisas acadêmicas durante os seguintes anos. Voltando ao começo, no momento em que me foi realizado o convite para entrar a linha e diante do impasse criado pela diferencia entre o foco principal da linha de estudos medievais e a minha, a professora Luciana, autora do convite, me instigou a ler o livro de Jacques Le Goff: "Uma longa Idade Média" na tentativa de encontrar um ponto de conexão entre os interesses da linha e os meus particulares.

A leitura do texto sugerido, como o próprio título sugere, me ajudou a refletir sobre a duvidosa periodização da nossa história, movida quase sempre por questões ideológicas e não de caráter temporal. Esse assunto já era tema de debate nas minhas aulas de literatura hispano-americana, através de leitura do livro "O condor voa" do pensador peruano Arturo Cornejo Polar (2000) e a sua crítica aos sistemas literários tradicionais. O último livro publicado pero historiador francês Le Goff em 2014 com o título: "A história deve ser dividida em pedaços? ", o autor reitera ainda mais que o título anteriormente mencionado, a controvertida periodização da nossa história e as muitas possibilidades que se nos presentam ao examinar nosso percurso histórico desde uma fragmentação tão pouco necessária.

Assim, o projeto apresentado para o credenciamento no programa: já trazia as bases do que com o passar do tempo vira-se, pouco a pouco, no resultado que agora apresentaremos nestas páginas.

Os Bestiários medievais, gênero textual muito prolifico durante esse período, remanescem na discursividade colonial através da pena dos denominados Cronistas de Índias na tentativa destes de recriar a natureza e as gentes dessa terra, desconhecida e imprevisível, que com o tempo passara a ser conhecida como o Novo Mundo e posteriormente o continente americano. Esses ecos e essa presença de vozes anteriores, esses modelos narrativos que vem de épocas distantes e não tão distantes seriam em breve o ponto de partida de nossa reflexão. A mesma que agora vamos descrever.

Os primeiros passos: entre a residualidade e a intertextualidade.

Os primeiros passos da nossa reflexão estão diretamente vinculados à primeira disciplina lecionada no programa de pós-graduação. Essa abriria o caminho que culminaria no foco principal da pesquisa foi explicada linhas acima; a presença de rasgos textuais, de influências clássicas e medievais na cronística americana durante as primeiras décadas da colonização do continente.

As nossas discussões iniciais se centraram na revisão bibliográfica dos mitos que sobre a época medieval são até hoje difundidos no imaginário popular e até no mundo acadêmico. O período medieval começa a ser distorcido pela historiografia desde o humanismo e, como observa Hilário Franco Jr (2004), cada época terá a sua própria visão deste. Guerras, doenças terríveis, morte, atraso cultural e a presença sufocante da igreja são uma presença constante nesse imaginário coletivo que sobre a Idade Média foi forjando a história. Com tudo, como nos avisa García (2014), esta época, ao mesmo tempo que a desvalorizamos, ainda nos fascina e está presente em muitas expressões do nosso dia a dia. Expressões como príncipe azul, vida de rei, o nosso castelo e tantas outras nos revelam que, como foi constatado em nossas discussões, o Medievo convive muito bem entre duas percepções: uma de caráter erudito e outra de caráter popular e poderíamos dizer mediática. A primeira, vivendo já faz muito tempo em reflexões de importantes nomes da nossa história, nos revela uma época de grandes avanços em diferentes campos como a arquitetura, a navegação, o pensamento e principalmente na preparação do mundo que posteriormente criticaria tão ingratamente o Medievo. A convivência com uma Idade Média, ainda muito acessível na Europa através de monumentos, pinturas, suscitará, a partir do século XIX um paulatino interesse por esta época que dará passo na seguinte centúria a estudos tão importantes como a Escola dos *annales*. Essa escola, surgida na Franca da mão de historiadores como *Marc Bloch*, através das diferentes gerações e de nomes como o já citado *Jacques Le Goff* ou *Lucien Febvre*, mostrarão em suas reflexões uma época medieval muito diferente à visão tradicional da mesma. Porém, essa outra Idade Média, filtrada através de filmes, seriados, romances históricos e muitas outras mídias continuará convivendo com nos por muito tempo.

A leitura e o posterior debate dos textos de autores já citados linhas acima nos ajudaram a constatar essa dupla apreciação historiográfica de uma época que se prolongou por quase mil anos e, como acabamos de observar, a dificuldade ou a impossibilidade de acabar definitivamente com a sua imagem distorcida. Segundo Couto (2022):

> A indústria cultural vem se aproximando da visão folclórica em torno do período produzindo filmes, jogos, seriados, etc., nos quais podemos identificar a medievalidade. Esta seria, segundo o historiador José Rivair Macedo, diferente das reminiscências medievais, porque se trata apenas de uma referência estereotipada do período, isto é, um imaginário equivocado sobre a época. (COUTO. 2022. p,5)

Uma vez debatidos esses primeiros textos sobre os perniciosos mitos sobre a Idade Média, o nosso seguinte objetivo foi a aproximação ao texto literário com o intuito de encontrar caraterísticas, rasgos que pudessem nos ajudar a encontrar ecos, reminiscências de outras épocas anteriores. A primeira aproximação teórica, visando esse objetivo, foi a teoria da residualidade, citada já previamente. Segundo essa teoria; não há nada novo na nossa cultura, todas elas contêm resíduos de outras anteriores.

> A residualidade se caracteriza por aquilo que resta de um tempo em outro, podendo significar a presença de atitudes mentais arraigadas no passado próximo ou distante, e também diz a respeito aos resíduos indicadores de futuro. ” (MARTINS. 2003, p.518).

A partir dessas observações, nos seguintes debates, procuramos colocar em prática esses apontamentos teóricos, assim como os seus principais desdobramentos (hibridação cultural, cristalização, endoculturação e imaginário). Com o auxílio de diferentes publicações de estudantes, professores e do próprio Roberto Pontes iniciamos a nossa tentativa de aproximar essa teoria ao texto literário.

Depois de ler e debater trabalhos, que tinham como foco central essa teoria e o diálogo intertemporal de diferentes épocas e criações literárias, se percebeu que muitos dos analise e seus resultados estavam mais próximos da intertextualidade, teorizada por nomes como Julia Kristeva ou Gerard Genette, que da residualidade, a qual quase sempre aparecia referida já desde o título dessas produções acadêmicas.

> O conceito de intertextualidade parte da ideia de texto polifônico lançada por Bakhtin, segundo a qual, todo texto dialoga com outro, fenômeno que se deve ao fato de que cada autor, ao escrever seu texto, insere um conjunto de outras vozes advindas da influência do contexto e de outros textos, constituindo assim a heterogeneidade discursiva, ou seja, a polifonia, conceito que desenvolveu em Problemas da Poética de Dostoiévski: “O romance polifônico é inteiramente dialógico e a palavra literária não pode ser tomada isoladamente, mas representa a intersecção de superfícies textuais, o diálogo de diversas escrituras, isto é, a do contexto atual e a de contextos anteriores.” (FÁVERO. 1994, p.50)

Foi nesse momento que vimos a necessidade de dar um sentido a isso, por que acontecia esse fenômeno? Que é o que faltava a nossa análise que dificultava a aproximação da teoria da residualidade à literatura e essa ficava restrita ao aspecto cultural? Uma constatação clara dessa dificuldade surgiu já na primeira tentativa de aplicar a teoria a um texto literário concreto. Na dissertação de mestrado, apresentada pela autora destas letras, a análise residual

se adaptou perfeitamente quando se tratava do aspecto cultural, mais concretamente na análise da obra castelhana do século XIV "El Conde Lucanor". A presença de reminiscências da cultura árabe, ainda convivendo com a cultura castelhana no foi difícil de constatar. Um dos conceitos chaves, o de hibridação cultural se adaptou perfeitamente a nossa análise e constatou que:

> Hibridação cultural é a expressão usada para explicar que as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras. Ou seja, não percorrem veredas que vão numa única direção. São rumos convergentes. São caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam. A hibridação cultural se nutre do conceito de hibridismo comum à mitologia. Que é um ser híbrido? É aquele composto de materiais de natureza diversa. (PONTES em MOREIRA. 2022. p. 17)

Esta teoria, através dos seus desdobramentos, principalmente dos conceitos de hipotextualidad e hipertextualidade nos permitiu, como prevê a intertextualidade, estudar a presença de um texto anterior na narrativa analisada. No nosso caso concreto, El Conde Lucanor apresenta uma relação hipertextual com um texto prévio (Calila e Dimna), originário da tradição árabe, do qual o autor, Don Juan Manuel resgata não somente a estrutura do conto (Questionamento – narração – moral da história) senão alguns aspectos temáticos. Entendemos a hipertextualidade como: "Tema que o autor se detém a analisar com maior profundidade na obra é a relação que une um texto B (hipertexto) a um texto A (Hipotexto), do qual ele brota" (CAMPOS. 2011. s/n)

Diante desse impasse; a dificuldade na hora de aplicar a teoria da residualidade desde um aspecto que no fosse estritamente o cultural nos levou a procurar novos aportes teóricos para alcançar o nosso objetivo.

Novos enfoques teóricos: o imaginário e o arquétipo.

Como foi constatada nas nossas primeiras análises literárias, a dificuldade na aplicação prática da teoria da residualidade residia em dois aspectos principais: por um lado, a problematização na hora de fixar um resíduo em um determinado momento histórico sem cair numa seleção favorável a nosso objetivo, porem pouco fiável. Por outro lado, como determinar esse mesmo resíduo que nos servisse de base para o diálogo entre diferentes narrações, distantes no tempo, sem cair na já mencionada intertextualidade. Foi nesse momento, que de modo indireto, chegou até nós o conceito de arquétipo, o qual com o tempo vira-nos ajudar muito nas nossas análises literárias. Porém, antes de mostrar como a teoria do arquétipo nos auxiliou é importante atender a primeira questão elencada linhas acima. Como

fixar um resíduo em um determinado período histórico sem que essa decisão possa parecer algo forçada ou necessária para o estudo que estejamos realizando? Partimos de um axioma irrefutável; a vida, no seu caráter cíclico, se compõe de elementos essências que se repetem ao longo de toda nossa existência sem que possa ser determinado de forma simples o ponto de partida de essas essencialidades. Assim não é uma tarefa fácil situar as diferentes atitudes humanas em um período concreto da história. E em momento algum quisemos defender a pertencia desses resíduos remanescentes em outras épocas posteriores a um tempo definido e exclusivo. Como elementos essências; o amor, a inveja, o medo, entre muitos outros, estão sempre presentes na nossa vida. Desde o princípio da humanidade, eles se materializaram através dos mitos e das legendas que foram moldando o nosso de entender o mundo em que vivemos. Desde a obsessiva procura pela nossa origem e os medos ancestrais que precisavam ser exorcizados para apaziguar nosso espírito.

> As sociedades primitivas através dos mitos – um conjunto de lendas – explicavam o que não conseguiam compreender (fenômenos naturais, ciclos anuais...) e também tudo sobre si mesmas que não conseguiam expressar de outra forma: a representação da sociedade e da pessoa humana, seus vícios e virtudes, seus desejos e desafios. Estes últimos constituem o que Jung chamou de "arquétipos", ideias coletivas e arcaicas que constituem a base sobre a qual se constroem os "valores" que sustentam a dinâmica social de uma determinada cultura. Em suma, os mitos são a representação, mais ou menos artística ou formalmente elaborada, dos arquétipos, que assim são colocados à disposição dos membros de uma sociedade, sendo os mitos um dos mais eficazes instrumentos de socialização nas suas diferentes manifestações: lendas, histórias infantis histórias, romances, obras dramáticas, performances. (LOSCERTALES. 1999. p,71) (Tradução nossa)[96]

Através da mito-poética, dessas narrativas que foram se fixando no seio das diferentes sociedades no espaço e no tempo, os arquétipos se convertem em modelos de comportamento, em visões do mundo que são compartilhadas pelo grupo e atendem, como já observamos previamente, a essencialidade da nossa existência.

Essas ideias coletivas, identificadas por Carl Jung, que constroem os valores de uma sociedade, da sua cultura, poderiam muito bem ser essas marcas, esses rasgos que remanescem de uma época para outra, ainda que com novas vestes. Essas essencialidades das

[96] Las sociedades primitivas mediante los mitos –conjunto de leyendas– se explicaban aquello que no podían entender (los fenómenos naturales, los ciclos anuales...) y también todo aquello de sí mismos que no podían expresar de otra manera: la representación de la sociedad y de la persona humana, sus vicios y virtudes, sus anhelos y desafíos. Esto último, constituye lo que Jung dio en llamar «arquetipos», ideas colectivas y arcaicas que forman la base sobre la que se construyen los «valores» que sustentan la dinámica social de una cultura determinada. En suma, los mitos son plasmación, más o menos artística o formalmente elaborada, de los arquetipos, que son así puestos a disposición de los miembros de una sociedad, siendo los mitos uno de los instrumentos de socialización más efectivos en sus distintas manifestaciones: leyendas, cuentos infantiles, romances, obras dramáticas representaciones. (LOSCERTALES 1999. p, 71)

quais escrevíamos linhas acima são a representação dessas visões de mundo, das atitudes da humanidade nos mais diversos aspectos da sua existência.

> a hipótese de que o ser humano é dotado de uma estrutura psíquica que contém imagens primordiais, universais e atemporais. Ele dá a essas imagens o nome de "arquétipos", retomando o termo grego usado por Platão, mas com um sentido bem distinto do pensamento do filósofo grego, para quem os arquétipos seriam protótipos que habitariam o mundo das ideias ou das formas. (ANAZ. 2020 p, 254)

As ideias primordiais contêm essas marcas que remanescem como valores de uma sociedade de uma época para outra, na maioria das vezes sem que elas sejam facilmente reconhecíveis. Elas vivem em um inconsciente coletivo, o qual, segundo o psicólogo suíço, tem natureza universal e são conhecidos como arquétipos. Essas formas arquetípicas som representações que se manifestam nas camadas mais baixas da nossa percepção das coisas, na sua origem ancestral e intimamente relacionadas com esse mito ainda não dogmatizado. Os arquétipos, através das atitudes dos heróis míticos, dão forma as ideais elementares que compõem, na essência, a nossa particular visão do mundo e assim Jung elenca uma série de formas arquetípicas que vivem entre nós desde o início da humanidade.

> As representações arquetípicas podem ser entendidas como padrões cognitivos que medeiam a relação do ser humano com o mundo, atuando no processo de interpretação e atribuição de significados aos objetos e ações. Cada padrão se repete em diferentes culturas e, embora imagens distintas o representem, elas estão sempre impregnadas dos mesmos significados positivos e negativos do arquétipo. (ANAZ. 2020 p,256)

Essas imagens, as quais segundo Jung criam uma série de rasgos ou traços que são herdados biologicamente, nos ajudaram na nossa procura pelos resíduos que se filtram em nossa sociedade e, como numa reação em cadeia, se relevam através das diferentes criações artísticas da humanidade. Desde as pinturas rupestres que representavam cenas do cotidiano daquelas sociedades primitivas, até figuras votivas como a Vênus de *Willendorf* com os seus atributos maternais irão consolidando uma série de imagens arquetípicas como a grande mãe protetora Figuras que se manifestarão em diferentes culturas ao longo dos séculos até chegar aos nossos dias.

Essas figuras arquetípicas carregam como já notamos previamente, a essência de um pensamento ancestral que nos acompanha há muito tempo e tal e como proclama a teoria da residualidade, remanescem de uma época para outra.

Assim, esses modelos, esses rasgos primários são comuns a toda humanidade e são facilmente rastreáveis nos ajudaram na nossa procura por rasgos ou marcas que nos permitissem aplicar a teoria da residualidade ao texto literário sem o temor de estar confundindo essa teoria com a já citada intertextualidade.

A reflexão de E. Melentiski (2019) sobre a presença dos arquétipos na literatura, desde os alvores da humanidade até hoje, nos aproximou ainda mais a nosso objeto de estudo e nos suscitou uma questão que a própria teoria da residualidade, nas palavras do professor Roberto Pontes, ainda não foi devidamente resolvida: a reminiscência dos resíduos de uma época para outra se realiza de forma consciente ou inconsciente? Em alguns trabalhos acadêmicos prevalece a ideia da inconsciência, em outros artigos os resíduos estão implicados em um processo mental que pode-se dar tanto de modo consciente como inconsciente. Segundo Silva (2016):

> A residualidade se dá de forma consciente ou inconsciente e diz respeito à mentalidade, isto é, a forma de agir e pensar de um povo, de toda uma cultura. Esse conceito de mentalidade é o mesmo proposto pela "école des Analles", e que na época que começou a se difundir ainda não tinha uma definição precisa, mas relacionava-se "a história das "sensibilidades", dos odores, dos medos, dos sistemas de valor [...]". (DUBY, 1992, p.69). (SILVA. 2016, s/p)

Questionado sobre essa dupla possibilidade, em referência a presença de elementos residuais na literatura medieval hispano arábiga na obra O auto da compadecida do escritor paraibano Ariano Suassuna, o professor Roberto Pontes observa que:

> Só depois, muito depois de haver escrito o Auto, veio a tomar ciência de que havia aproveitado matéria proveniente da cultura árabe. Ele escreveu sem saber, porque havia assimilado o episódio culturalmente. Este é a diferença fundamental do resíduo relativamente à intertextualidade, pois o residual aparece na obra sem que o autor tenha consciência do aproveitamento do material utilizado. (MOREIRA. 2022. p,17)

Na teoria dos arquétipos, essa dualidade aparece representada através dos dois teóricos que nos ajudaram na nossa reflexão: Carl Jung e Eleazar Meletínski. Para o primeiro, os arquétipos residem, como já observamos previamente, no nosso insciente coletivo, já para o segundo as formas arquetípicas fazem parte do nosso consciente.

> O crítico literário russo Eleazar Meletínski (2019) difere da definição junguiana sobre a psicologia inconsciente coletiva. Para o autor, o inconsciente coletivo dificilmente possui um caráter hereditário, mas ele apresenta um caráter social real ao se debruçar sobre a análise dos arquétipos desde uma perspectiva literária, denomina como arquétipos temáticos os elementos iniciais que dão origem a elementos variados. (VIANA. 2024. p, 26)

Assim, enquanto Jung vê os arquétipos como padrões universais no imaginário humano, Meletínski destaca que, ao contrário de Jung, ele os enxerga como vivos nos textos e na cultura, não apenas no inconsciente.

Contudo, a incorporação do arquétipo a nossas pesquisas e, como observamos linha acima, ainda existia uma segunda questão a resolver: como fixar um resíduo em uma determinada época sem cair em uma escolha forçada pela necessidade. Muitos dos trabalhos acadêmicos com os quais nos deparamos situavam os resíduos no período medieval sem considerar que como afirma Hilário Franco Jr. (2004), muitas das imagens que até hoje tempos do Medievo são ideias que foram-se sedimentando ao longo da história e não respondem de modo fiável ao que foi a Idade Média. Algumas das vozes mais importantes da nossa tradição cultural nos deixaram algumas apreciações, desde o mundo acadêmico, que alimentaram essa visão desqualificadora que, em muitos casos, sobrevive até hoje no imaginário popular e inclusive, em alguns casos, até no mundo acadêmico. O filosofo François Voltaire sentenciava no século XVIII sobre a Idade Média:

> Quando o Império Romano foi destruído pelos bárbaros, muitas línguas foram formadas com os despojos do latim, como muitos reinos subiram sobre as ruínas de Roma. Os conquistadores levaram sua ignorância e barbárie por todo o Ocidente." Todas as artes pereceram: oitocentos anos depois eles não começaram a renascer, o que, infelizmente, permanece para a arquitetura e a escultura daqueles tempos, é um grotesco conjunto de grosseria e bugigangas. O pouco que escreveram era do mesmo mau gosto. Os monges mantiveram a língua latina para corrompê-la ... " (VOLTAIRE Apud BARUQUE.(s/p) 2002)

Essas ideias alteradas sobre a Idade Média, as quais já foram debatidas nos primeiros momentos da nossa reflexão, voltavam a tona agora para tentar resolver a problemática na hora de situar o resíduo no espaço e tempo sem cair uma decisão forçada pela necessidade ou tomar como referência histórica para essa escolha uma das muitas visões estereotipadas sobre o período, que como acabamos de observar, surgiram ao longo dos séculos.

Foi nesse momento que a corrente historiográfica do Novo Medievalismo, através das reflexões do historiador espanhol Jaume Aurell, nos prestou um importante auxílio. O Novo Medievalismo como herdeiro de escolas anteriores como a Escola dos Annales (1929) e das seguintes escolas historiográficas do século passado, tenta uma aproximação mais nítida ao período medieval. Situado, como o próprio título de umas das obras do historiador, entre a história e a literatura, o Novo medievalismo com a sua visão poliédrica e interdisciplinar nos ajudou a revisitar o Medievo desde um olhar mais nítido:

> A visão poliédrica, postulada pelo Novo Medievalismo, nos ajuda a viajar no tempo com o auxílio de outras disciplinas como a história, a sociologia ou paleografia, entre outras, e é na junção desses saberes que as ricas manifestações literárias ganham novas interpretações, com a sua equilibrada dose de preterismo e de presentismo como observa Aurell (2016). (LOPEZ. 2020. p,213)

Com uma perspectiva, como o mesmo propõe, mais equilibrada entre o preterismo (nosso olhar para o passado) e o presentismo (a nossa dificuldade na hora de olhar esse sem abusar do nosso presente).

> O presentismo domina sobre o preterismo, porque somos capazes de identificar o medievo mais como um espelho que como um objeto mais próximo. Este é, certamente, um efeito muito salutar do presentismo, que nos ajuda a nos identificar com o tempo analisado, por mais distante que seja, e a compreendê-lo melhor. Entretanto, sem dúvida, o presentismo tem também o possível efeito perverso de analisar esta época distante aplicando-lhe de forma anacrônica os parâmetros da cultura atual. (AURELL. 2015. p,200-201)

A consequência do Novo Medievalismo como corrente crítica e como herdeira das correntes que desde finais do século XIX questionaram o duvidoso olhar que sobrea Idade Media tiveram os seus antecessores intelectuais, foi, como já notamos, um revisionismo dos mitos engessados na história e uma tentativa de repensar esse período histórico desde a junção de diferentes campos do saber. Um novo olhar, que segundo López (2020) vai muito além da tradicional apreciação desses séculos intermédios:

> Assim, esse novo olhar, através da análise crítica mais rigorosa, nos pode ajudar a traçar um novo retrato dessa época que considere tanto o dito como o não dito. O silêncio, assim como as omissões e demais estratégias retóricas empregadas podem ser agora de grande ajuda para redimir essa desastrosa imagem que sobre o medievo ainda temos hoje em dia em alguns âmbitos. (LOPEZ. 2020. p,202)

Considerações finais

Ao longo dos últimos anos, desde que foi definido o projeto que deu sentido a nossa pesquisa, ou tal vez muito antes, as nossas inquietações nos levaram, como a tantos outros pesquisadores previamente, a questionar alguns dos axiomas que desde que começamos nossa vida acadêmica, primeiro a escolar e depois a universitária, nos são oferecidos como verdades absolutas. Muitos desses axiomas irrefutáveis permanecem de forma perene na nossa trajetória humana e ainda que com vestes diferentes, eles mantem a sua essência. Uma essencialidade que junta, em uma mesma representação, o mito primordial e a imagem atual do objeto. Seria muito ingênuo dizer que a Idade média foi o único período histórico que foi criticado por outras épocas posteriores. A nossa percepção cíclica do mundo sempre nos

conduz, alimentados por um controverso progresso, a criticar aquilo que nos precedeu e aguardar, entre utopias e distopias, que o seguinte melhore o presente. Foi essa constatação a que nos levou nesses últimos anos, como foi exposto ao longo das paginas anteriores, na tentativa de aplicar a teoria residual, a examinar os mitos que sobre a Idade Media foram vertidos sobre ela nos últimos séculos e criaram de modo sedimentar um conjunto de camadas que são praticamente impossíveis de separar. Na aproximação mais nítida que nos permitiu a adoção dos postulados do Novo Medievalismo desde a sua perspectiva multidisciplinar, examinamos o Medievo procurando alguns rasgos que, mesmo que remanescentes de épocas anteriores tiveram uma maior presencia no imaginário dessa época. A presença de diversas formas arquetípicas que, partindo da sua essencialidade, voltaram em outros momentos posteriores nos ajudou na desejada aplicação da teoria da residualidade nas nossas análises literárias sem cair, como foi constatado em alguns trabalhos acadêmicos, na teoria da intertextualidade,

Hoje, quando estas linhas são redigidas, varias dissertações de mestrado e duas teses de doutorado se fundamentam se não na teoria residual diretamente, sim nas outras teorias que nos auxiliaram na procura pelo nosso objetivo central e hoje ganham vida própria em novas analises literária.

REFERÊNCIAS:

ANAZ, Sílvio Antônio Luiz. Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual,** [S. l.], v. 47, n. 54, p. 251-270, 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/159964. Acesso em 27 out. 2022.

AURELL. J. O Novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. **Revista Roda da fortuna.** Volume 4. Nº 2. 2015. Ed. Digital: https://a615a5e5-c98d-48ce-95fc4c6127dff938.filesusr.com/ugd/3fdd18_19d6a4f46800442099e8a1791bfbd473.pdf Acesso em: 4 de agosto de 2024.

_____, Jaime. El nuevo medievalismo y la interpretación de los textos históricos. **Hispania,** [S. l.], v. 66, n. 224, p. 809–832, 2006. Disponível em:https://hispania.revistas.csic.es/index.php/hispania/article/view/21. Acesso em: 4 de agosto de 2024.

_____. **La historiografía medieval. Entre la historia y la literatura.** Valencia. PUV. 2016.

BARUQUE. Julio Valdeón. La valoración historia de la Edad Media: entre el mito y la realidad. **Actas: Memoria, mito y realidad en la Hª Medieval XIII Semana Estudios medievales de Nájera 2002.** pps.311-329 Disponível em: http://www.bibliotecagonzalodeberceo.com/berceo/valdeonbaruque/edadmediaentremitoyrealidad.htm Acesso em 4 de agosto de 2024.

CORNEJO POLAR, Antonio. Los sistemas literarios como categorías históricas, elementos para una discusión latinoamericana. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana,** ano 15, n. 29, p. 19-25, 1989.

COUTO. Lívia Maria Albuquerque. Idade "Mídia": apontamentos sobre as representações midiáticas e reminiscências medievais na Indústria Cultural Contemporânea. **Boletim Historiar,** vol. 09, n. 01. Jan./Mar. 2022, p. 03-13 Ed. Digital disponível em: | http://seer.ufs.br/index.php/historiar Acesso em 15 de ag. De 2024

FRANCO, JÚNIOR. Hilário. **A Idade Média, nascimento do ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

GARCÍA. A. R. La Edad Media. Un concepto problemático y multifuncional. México. Destiempos. **Revista de Curiosidad Cultural,** Nº. 38, 2014, págs. 7-16. Ed. Digital. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4671581> Acesso em: 20 de jun. de 2020.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** (tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva). - Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

LE GOFF, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços?** Tradução de: Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LÓPEZ, Juan Ignacio Jurado Centurión. Por outro imaginário medieval: nos bastidores da literatura (um olhar desde o novo medievalismo). **Revista Graphos,** v. 22, n.3, p. 197-215, 2020. Disp, em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/54126. Acesso em: 15 de ag. De 2024.

LOSCERTALES, Felicidad Martínez-Pais. **Mitología de hoy: los medios de comunicación, un reto para los docentes** Disp, em: https://www.academia.edu/77057919/Mitolog%C3%ADa_de_hoy_los_medios_de_comunicaci%C3%B3n_un_reto_para_los_docentes Acesso em: 15 de ag. De 2024.

MELENTÍNSKI, Eleazar Mosséievitch. **Os Arquétipos Literários.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardine, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.

MOREIRA, Rubenita Alves. **Escritos residuais.** Textos baseados na Teoria da residualidade de Roberto Pontes. Fortaleza. Ed. Imprece. 2022.

PASTOR, Beatriz. **Discurso narrativo de la conquista: mitificación y emergencia.** Hanover: Ediciones del Norte, 1988.

SERNA, Mercedes. **Crónicas de Indias**, ed. de Mercedes Serna, Madrid, Cátedra, 20218.

SILVA, Francisca Yorranna da. Intertextualidade e residualidade no romance Lavoura arcaica. **Revista Inventario.** Nº 19, Dez/2016, Salvador Ed. Digital accessível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/18202/13148 Acesso em: 15 de agosto de 2024.

SOUSA, Priscila. Arquétipo - O que é, conceito e definição. **Conceito.de.** https://conceito.de/arquetipo. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

VIANA, R. de Souza. **A representação de imagens arquetípicas do feminino nos romances Sab e Ursula: uma reminiscência medieval na literatura contra hegemônica de autoria feminina latino-americana.** Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Letras da UFPB. 2024.